

Eleição, inflação, guerra e Copa: 2º semestre traz turbilhão de incertezas

Nos próximos seis meses, população viverá caldeirão de acontecimentos; segundo especialistas, não será um período fácil

TISA MORAES

Recém-iniciado, o segundo semestre de 2022 será movimentado, mas também cheio de incertezas e tensões. Até a reta final deste ano, o País terá campanha eleitoral, com brasileiros indo às urnas para escolher presidente, governador, senador e deputados, enfrentando ao mesmo tempo um cenário econômico de inflação e juros elevados, além dos impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia. E, a partir de novembro, já com o resultado do pleito presidencial definido, a nação ainda será mobilizada pela Copa do Mundo, no Catar, a primeira a ser realizada nesta época do ano, com encerramento a sete dias do Natal.

Ou seja, nestes próximos seis meses, os cidadãos viverão um grande caldeirão de acontecimentos e, segundo especialistas, é bom “apertar os cintos” para esse turbilhão. A inflação, por exemplo, que tem corroído o poder de compra da população, deverá ter queda especialmente no último trimestre, com previsão de encerrar dezembro com um acumulado de 9%, ante aos 11,73% registrados em maio.

“É a chamada desinflação, ou seja, não significa que os preços dos produtos irão cair, mas os consumidores sentirão que eles ficarão mais comportados, com reajustes ocorrendo em menor velocidade. Não obstante a boa geração de



emprego formal e a queda da taxa de desemprego, o poder aquisitivo das famílias não terá significativa melhora”, analisa o economista Reinaldo Cafeo.

CONSUMO

Em razão disso e dos juros altos, que inibem o acesso ao crédito, o consumo - correspondente a 70% do PIB - não deverá acelerar, mantendo o crescimento do País em patamar de aproximadamente 1%. “Também haverá retração de novos investimentos, o que é natural em um ambiente de incertezas em relação ao futuro do comando do Brasil”, acrescenta.

O cenário econômico pouco otimista pode ser atenuado se o

NA ECONOMIA

Preços não devem cair, mas reajustes ocorrerão em menor velocidade

pacote de benefícios que tramita no Congresso e inclui ampliação do Auxílio Brasil para R\$ 600,00, aumento do vale gás e concessão de auxílio para caminhoneiros e taxistas por aprovado. “Isso, somado à redução dos impostos incidentes sobre combustíveis e energia elétrica, pode salvar o segundo semestre. Mas, ainda assim, não prevejo um PIB robusto para este

ano”, completa Cafeo.

Justamente em razão da dura realidade enfrentada pela maioria das famílias, a tônica das eleições de 2022 será a economia, diferentemente dos pleitos de 2018 (combate à corrupção) e de 2020 (gestão da pandemia). “Claro que haverá guerra de narrativas, mas o desemprego, a inflação, o preço dos combustíveis e a perda do poder de compra da população devem ser o foco central dos debates”, analisa Bruno Pasquarelli, doutor em Ciência Política e professor de Relações Internacionais.

RISCOS

Segundo ele, independente-

mente de quem assumir a presidência em 2023, terá grandes problemas de governabilidade, considerando que nenhum dos possíveis eleitos deverá contar com maioria no Congresso. “Além disso, não teremos uma situação econômica muito melhor do que agora. E, se os gastos do governo aumentarem ainda mais, com estes benefícios propostos por meio de PEC, a tendência é haver muitos problemas políticos e econômicos”, acrescenta.

Ainda sobre o momento pós-eleições, Pasquarelli acredita que, dependendo do resultado da disputa presidencial, há chances de o País assistir a uma grande convulsão social. “Devido à forte polarização no Brasil, não sabemos quanto os ânimos estarão acirrados, com potencial para gerar episódios de violência”, completa.

Já em relação à guerra, o professor destaca que, neste momento, países como Itália, França, Alemanha e Inglaterra buscam uma solução negociada e até um cessar-fogo, mesmo que a Ucrânia precise ceder territórios à Rússia, visto que estas nações da Europa Ocidental estão sofrendo economicamente com o conflito e sendo pressionadas por suas populações. “Não é possível prever qual será o resultado destas tratativas. O que é certo é que os impactos desta guerra serão sentidos no mundo, inclusive no Brasil, pelos próximos anos ainda”, conclui.

Mundial do Catar ‘emendará’ com as festas de fim de ano



Rafael Antonio, jornalista e locutor esportivo, fala sobre a Copa

Pela primeira vez, o Oriente Médio vai sediar a Copa do Mundo. E, também de maneira inédita, a competição será realizada no fim do ano, devido ao clima do Catar, que registra temperaturas mais amenas nesta época. O primeiro jogo do Brasil será em 24 de novembro e a final, disputada em 18 de dezembro, a sete dias do Natal.

“O Mundial será a antecipação das festividades de fim de ano. Certamente, as empresas aproveitarão os dias de jogos da Seleção Brasileira

para fazer suas tradicionais confraternizações. Além disso, bares e restaurantes, assim como comércio e ambulantes que vendem camisetas e bandeiras, devem se beneficiar deste momento”, avalia o jornalista e locutor esportivo Rafael Antonio.

Ele lembra que, também pela primeira vez, o torneio ocorrerá depois das eleições presidenciais no Brasil, e não antes. Porém, para o jornalista, a mudança não deverá amenizar o clima de polariza-

ção e divisão política do País. “A Copa é um evento que faz com que toda a nação torça para um desfecho comum, que é ver a Seleção campeã, mas não o vejo como um elemento capaz de agregar pessoas com inclinações ideológicas opostas. Essa divisão vai continuar”, analisa, acrescentando que a equipe brasileira não disputará o Mundial como grande favorita, mas, por contar com bons jogadores, tem chances de obter desempenho favorável na competição.

Bauruenses manifestam desejo de dias melhores, mas com ceticismo

A reportagem do Jornal da Cidade foi às ruas para ouvir moradores sobre as expectativas para esses próximos meses

TISA MORAES

Em meio a um cenário econômico desafiador, os bauruenses ingressam no segundo semestre com a perspectiva de ser um período bastante movimentado, com acontecimentos como as eleições e a Copa, mas muito incerto. Nesta

sexta (2), o JC foi às ruas para ouvir os moradores da cidade, que manifestaram desejo de dias melhores, porém, ainda com certa descrença de que avanços significativos serão alcançados nestes seis meses e até ceticismo sobre o que agentes políticos podem fazer para a melhoria da qualidade de suas vidas.

Com inflação alta e a guerra entre Rússia e Ucrânia, a escalada de preços, a redução da capacidade de consumo da população e a corrosão da renda das famílias são temas destacados pela maioria das pessoas ouvidas, entre homens e mulheres, de idades e profissões distintas. Outras afirmam, contudo, que

os cidadãos não devem ficar esperando algo do Estado.

Sobre a Copa, marcada para começar no fim de novembro, há quem acredite que será uma injeção de ânimo para os brasileiros, mas também quem ache que o evento desviará o foco dos reais problemas do País. Veja, a seguir, as opiniões.

NO BOLSO

Preços em alta e perda do poder de compra foram citados como entraves pela maioria dos ouvidos

FALA POVO

Qual sua expectativa para os meses restantes de 2022?



"Espero que, como está próximo da eleição, o governo dê um jeito de diminuir os preços, como já está fazendo com os combustíveis, porque está tudo caro demais e o salário da gente não aumenta igual. Espero que melhore, mas não estou muito otimista."
Tais Militão, 34 anos, enfermeira



"Tivemos uma pandemia e um péssimo governo. Agora, com a vacina e a perspectiva de mudança, acredito que vai melhorar. O descontentamento é geral. Acho que as pessoas amadureceram e não aceitam mais sofrer caladas, pagar R\$ 8,00 na gasolina e R\$ 7,00 no litro do leite. Precisamos avançar, não retroceder."
Maria Helena Machado, 57 anos, advogada

"Só neste ano, oito amigos meus foram embora do Brasil, porque a situação está difícil: tudo caro, desemprego, dificuldade para manter um negócio. Se melhorar 10% até o fim do ano, já é muito. Para ficar bom, ainda vai demorar anos."
Bruno Donizette Cardoso Ferreira, 33 anos, casqueador e tosador de animais



"Eu vendo água e, quando faz frio, as vendas caem. Então, estou há mais de um mês sem conseguir comprar carne. A política tem muita mentira, muita coisa errada, mas espero que as coisas melhorem no fim do ano, depois das eleições."
João Ferreira, 76 anos, vendedor ambulante



"A tendência é melhorar. Hoje, tem gente passando fome, mercado vendendo osso, porque as pessoas não têm como comprar algo melhor. Não podemos aceitar que o País fique pior do que está."
Mariana Ferreira Machado, 28 anos, bacharel em Direito



"Mesmo com a escalada dos preços, precisamos pensar positivo. Se forem liberados os auxílios discutidos no Congresso, por exemplo, vai ajudar bastante a injetar dinheiro na economia."
Edson Martyr, 50 anos, coordenador de vendas



"Eu não espero nada de ninguém, só acredito em mim, na minha força e vontade de conquistar as coisas. Eu sempre voto nas eleições, mas não espero nada de governo, independentemente de qual for."
Zilda Nunes, 51 anos, investidora



"Infelizmente, não espero muita coisa boa. A Copa do Mundo só vai alienar as pessoas, desviar o foco dos problemas do País. Além disso, não dá para confiar mais em nenhum político, principalmente em ano de eleições."
Gentil de Fátima Garrido, 66 anos, aposentada

"Acredito que tem uma tendência a melhorar, mas depende da gente, principalmente das mulheres. Não é o governo que vai fazer o País melhorar, ele é só um complemento na vida das pessoas. A responsabilidade é nossa."
Andrea Silvana Lima, 46 anos, pensionista



"Acho que já melhorou, porque a pandemia está mais controlada, não está mais matando todo mundo. O preço das coisas ainda está muito alto, mas espero que melhore. Ainda tem Copa do Mundo, que vai dar um ânimo para quem gosta de futebol como eu."
Ramon Cassiano Nascimento, 16 anos, estudante e estoquista

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Apertem os cintos Página: 4 e 5